

12º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2013

Relato Real

1º LUGAR

LER NA BITITINGA

Autora: Vanessa Brandão Maya de Omena

Maceió – AL

Sábado, por volta de 1 e meia da tarde, partimos rumo à Bititinga, localizada na área rural do município de Messias, zona da mata alagoana. De carro o percurso é de cerca de 1 hora, saindo da capital, Maceió, caso o trânsito ajude. Antes de pegar a estrada, os preparativos para organizar na mala do carro as caixas com os livros doados e catalogados; algumas mudinhas ou sementes de plantas para o jardim que estamos ajudando a fazer em torno da biblioteca comunitária; e o que mais pudermos levar de doação, como estantes para os livros e alguns brinquedos e roupas. Às vezes o carro vai bem cheio, e outras vezes levamos apenas o que foi possível arrecadar naqueles dias. Mas, o mais Relatos Reais importante, é que sempre temos algum livrinho para levar para a biblioteca.

Pelo caminho, paramos para comprar algum lanche para a meninada, e enquanto dirijo, em companhia de meu filho de 12 anos e de minha mãe, que morou na Bititinga com meu pai e as filhas, inclusive eu, ainda criança lá pela década de 60, quando o lugar era bem dinâmico e com uma pulsante usina de açúcar, vou pensando nas atividades que iremos fazer com a turminha, alguns bem pequeninos, e a maioria pré-adolescentes e adolescentes. Quando chegamos, alguns deles já estão em volta do clube onde são feitas as atividades do Projeto que recebeu o nome de *Engenho de Leitura, Artes e Empreendedorismo Bititinga*.

A família do Geraldo Rosalino, morador antigo e ex-trabalhador da usina, é o nosso parceiro no Projeto. Foi daí que nasceu a Biblioteca Comunitária da Bititinga que fica instalada em uma salinha do antigo clube da ex-usina. Geralmente, assim que chegamos vou logo chamando a garotada para a rodinha de leitura. Com o tempo sem chuva fica bem agradável fazer as atividades ao ar livre, na sombra das árvores frondosas que existem no lugar. Tem dias que tem mais gente na rodinha, e em outras vezes tem menos participantes, pois alguns estão fora ou ainda por chegar. Aos poucos vamos identificando cada um deles, principalmente os mais assíduos, e sentindo falta daquele que não pôde vir.

Antes de iniciar a Contação de História do dia, conversamos sobre algumas novidades na comunidade, sobre o que foi lido na vez passada, e as crianças vão lembrando das histórias já contadas, e os que não participaram vão sendo motivados a ficar para ouvir uma nova história. Além da garotada, um ou outro adulto também acompanha quando pode.

Depois da contação é hora de fazer as atividades de artes, e o meu filho Louis Tiago, agora já um pré-adolescente de 12 anos, tem o maior jeito para comandar as brincadeiras, que pode ser um desenho, um jogo, ou dessas atividades de recortar, colar, perguntar e responder, enfim, a turminha, principalmente os menores, precisa de estímulo para participar, perguntar, ler e aprender, e o que queremos com as brincadeiras é despertar a vontade de

todos em se encantar com os livros, para além das leituras obrigatórias da escola, é claro.

Aliás, na Bititinga de hoje existe uma creche mantida pela prefeitura local, além da escola municipal que existe desde os tempos da usina. Os maiores completam os estudos na cidade de Messias. Isso é muito bom, pois ninguém fica fora da sala de aula, e a biblioteca é um estímulo a mais para que as crianças, jovens e adultos tenham acesso aos livros nas horas de lazer.

Um dia pedimos aos meninos e meninas, geralmente na faixa entre 6 e 15 anos, para escreverem, cada um, uma frase sobre o que é ler para eles. Recolhemos as frases com os nomes e as idades das crianças para imprimir em um papel do tipo cartolina, e que na próxima vez que formos à Bititinga será lido por cada um deles, comentado, e depois vamos colar as frases nas paredes da biblioteca. Algumas dessas frases dizem: Ler é imaginar mundos novos; Ler é aprender e criar; Ler é viajar....

Comparo o projeto na Bititinga como uma sementinha que foi plantada em um lugar que esteve tanto tempo abandonado, desde que a usina fechou em meados dos anos 90. Antes era um lugar próspero, com emprego para os moradores, a maioria trabalhadores de fazendas de cana-de-açúcar ou da própria indústria. Depois da venda da usina e da posterior falência da indústria, muitas famílias deixaram o lugar, e os que ficaram lutam por dias melhores.

Além das visitas à comunidade para as atividades do projeto e da biblioteca, resolvi fazer um blog justamente para dar vazão a tudo isso. Pena que a comunidade da Bititinga ainda não tenha acesso à internet por lá, mas mesmo assim vamos registrando tudo e oferecendo dicas aos internautas.

As doações são sempre muito bem vindas. Recebemos livros de vários gêneros, a maioria didáticos, mas também chegaram doações de livros paradidáticos, infantil, infantojuvenil, técnicos e coleções. Por meio do blog vou conhecendo outros projetos de bibliotecas comunitárias e essa sinergia é muito importante, pois vamos aprendendo muita coisa com quem já vem lidando com o incentivo à leitura. É só buscar na web e vamos conhecendo quantas iniciativas bacanas existem pelo Brasil à fora.

Um desses contatos veio de longe, de uma brasileira que mora na cidade de Zundert, na Holanda, e após uma troca de e-mail ela ficou de mandar uma doação de livros infantis da Biblioteca de Breda, onde ela trabalha como voluntária. Essa moça é a Juliette Fernandes, que reaproveita os livros infantis que são substituídos nessa importante biblioteca da Holanda e traduz as historinhas para a nossa língua portuguesa, num trabalho muito interessante de colar, e adesivar por cima do texto original, a tradução para os nossos pequenos, e assim fazer com que as crianças daqui tenham acesso a esses livrinhos tão especiais.

Sobre esses livros vindos da Holanda, eu postei no blog Engenho de Leitura e Artes Bititinga uma historinha que se chama “Os livros viajantes”, e dessa forma vou mostrar as crianças da Bititinga de onde eles vieram, quem enviou, e assim faremos uma contação diferente com a criançada. O bom mesmo desse projeto é saber que, com pouco investimento e a ajuda de pessoas que nem esperávamos, podemos fazer algo inovador naquele lugar, dando mais possibilidade de lazer, cultura, entrosamento e novas descobertas por meio da leitura compartilhada, e a biblioteca comunitária é sempre um ótimo ponto de partida para novas possibilidades.

2º LUGAR

LER AMÉRICA

Autor: André Telucazu Kondo

Judiaí – SP

Muitas pessoas vivenciam viagens incríveis, realizadas graças a um livro. Mas até onde um livro pode realmente te levar? Pode parecer ficção, mas fiz uma viagem de milhares de quilômetros apenas com um livro de poesia e um poema. Seria apenas uma licença poética, viajar só com poesia?

No final do ano de 2011, eu morava em um quarto desativado de um asilo para idosos. Ainda sou jovem, então, como fui parar lá? Em parte, por ter compartilhado um livro. Conheci o tataraneto do Visconde de Mauá, ao ajudar um grupo de cinquenta tailandeses, que buscavam um local temporário para ficar no Brasil. Não vou narrar aqui (pois seria muito extenso) como uma série de acontecimentos inusitados me levaram a dar um livro, de minha autoria, para o tataraneto do visconde.

O fato é que ele me cedeu um quarto tranquilo para que eu pudesse me dedicar ao ofício da escrita, sem ter que me preocupar com contas de água, luz, aluguel... Apenas pela simples generosidade, para que, mais tarde, eu pudesse compartilhar novas histórias com ele e com meus leitores.

É o que faço agora.

Claro que o ofício de escritor iniciante só é possível porque vivo uma vida simples. Há anos não compro sequer uma peça de roupa para mim. Vivo apenas com o que ganho da literatura. Para muitos, é pouco. Para mim, é muito mais do que o necessário, pois não sou afeito a luxos.

Quer dizer, o único luxo a que me permito nesta vida é viajar. Mas o problema é que eu não tinha dinheiro para viajar, naquele final de 2011. Foi quando descobri um concurso literário da Universidade de Fortaleza, cujo prêmio para o melhor livro inédito de poesia seria uma passagem aérea, para conhecer a Biblioteca do Congresso em Washington, a maior biblioteca do mundo! Para quem gosta de ler e viajar, haveria prêmio maior?

Enquanto vivia o cotidiano do asilo, escrevi “Cem pequenas poesias do dia a dia”. Ganhei a passagem para os Estados Unidos. Mas, e o dinheiro para a viagem? Fácil, era só pagar com mais poesia. Escrevi o poema “Lavar”, pelo qual fui premiado pela Universidade Federal de São João del-Rei, com a quantia que daria aproximadamente 500 dólares. Comprei um passe da Greyhound, que me permitia viajar por 15 dias para qualquer ponto servido por esta empresa de ônibus nos Estados Unidos. Custo: US\$ 360,00 para transporte e... hospedagem. Dormiria no ônibus. Restariam cerca de dez dólares por dia para que eu pudesse comer e fazer outras coisas. Para viver por este tempo. Ok.

Parti no último dia da primavera e cheguei no primeiro dia de outono. Como isso é possível? Com poesia, tudo é possível. Bem, bastava viajar entre hemisférios... Fui visitar a Biblioteca do Congresso, onde estava sendo exibida a exposição: Books that shaped America. Lá estavam os livros que moldaram os Estados Unidos. Os livros que em parte também me moldaram. Também estava sendo realizada uma feira de livros na capital americana. Uma faixa proclamava: “Let’s read America”. Foi o que fiz.

Pé na estrada, visitei primeiro o túmulo de Jack Kerouac. Segui para Concord e tomei banho na lagoa de Walden. Uma placa dizia: “Proibido nadar”.

Senti que estivesse vivendo a Desobediência Civil de Thoreau. Depois, visitei Ralph Waldo Emerson, Louisa May Alcott e Nathaniel Hawthorne. Na fronteira entre Vermont e New Hampshire, caçei J. D. Salinger. Não encontrei ninguém no Campo de Centeio.

Em Boston, me despedi do oceano e naveguei em um ônibus para Pittsfield, em uma insana busca por Moby Dick. E lá estava ela, no quarto em que Herman Melville avistava o monte Greylock. As palavras do guia da Arrow Head, residênciamuseu de Melville, preenchem o oceano. Ele lia um trecho de Moby Dick, onde ela havia nascido...

Que experiência de leitura partilhada é esta, em que o que se compartilha é muito mais do que meras palavras? O que é ver um fio de lágrima correndo pelo rosto de alguém, tornando-se um oceano em que uma grande baleia branca nada? Foi o que vivenciei...

Em Baltimore, perguntei pela casa de Edgar Allan Poe. Disseram-me para correr, pois o museu estava prestes a fechar. Não a fechar para aquele dia, mas para fechar em definitivo, se é que existe tal coisa na literatura: nunca mais.

A porta já estava fechada. Porém, juro que um corvo grasnou no instante em que praguejei pelas portas fechadas deste mundo. E o corvo, mais do que o abrir de uma porta, me permitiu entrar com suas asas no lar de Allan Poe. Ainda tive tempo de visitar Benjamin Button, no local em que morou F. Scott Fitzgerald. O tempo sempre se esgota, seja para qual direção ele caminha.

Cruzei os Estados Unidos de leste a oeste e lá estava eu atravessando a Golden Gate. Do outro lado, Jack London. Peguei uma carona. Corri pelas ruínas da Wolf House. Envolto pelas árvores da Jack London State Park, ouvi o chamado da floresta...

Não tinha tempo para explorar os domínios de Jack, apenas me despedi dele em seu túmulo, uma pedra no meio do bosque. – Não vai visitar a casa em que Jack morou? – uma simpática voluntária do parque me perguntou.

Respondi que não teria tempo, pois do contrário perderia o último ônibus para voltar a San Francisco. Falei sobre o motivo de estar ali, a minha jornada literária, e finalizei, comentando que achava que não teria sorte de obter outra carona... – Quer ir a San Francisco? Meu filho vai para lá hoje, depois do jantar.

Minha segunda carona no mesmo dia? Assim, na casa em que Jack morou, pude desfrutar da leitura realizada por dois gentis voluntários, que compartilharam aventuras que ecoavam desde o Alasca aos mares do sul....

Jantei na casa de Renate, a gentil voluntária do parque. Sua sala repleta de livros e leituras partilhadas... Pela noite, seu filho me levou a San Francisco. Passamos em frente à livraria City Lights. Ao ver as luzes iluminando os livros, passando de carona, ouvi toda uma geração de poetas em um uivo que me arrepiou a alma.

Ainda leria Hemingway em Chicago, Mark Twain e Wallace Stevens em Hartford, Tennessee Williams e Khalil Gibran em Nova Iorque...

A minha jornada literária, iniciada na infância graças aos meus pais, me levou a acreditar em sonhos. É possível viajar com livros. Eu estava vivendo um destes sonhos. Ao final de mais um capítulo desta viagem de paixão pelos livros, enquanto o avião deixava um rastro de saudades pelos céus da América, feliz por tê-la lido, ainda tive o prazer de ouvir a voz da infância, poeticamente, antes de apagar a luz de leitura sobre a minha cabeça:

– Mãe, leia mais um pouquinho para mim?

Relato Ficcional

1º LUGAR

ANA LUÍZA E AS LETRAS DO LIXO

Autor: Valdir Bressane

Oscar Bressane – SP

O sol a pino, mas ela não sentia. Não ouvia os sermões de sua mãe:

- Ana Luíza, se você estragar as vistas com essas porcarias quero ver quem vai ter dinheiro para lhe comprar óculos.

Mas ela não se importava se sua visão, tão boa, pudesse ser prejudicada. Pelo contrário, quanto mais lia, melhor enxergava, seus olhos se abriam para um mundo vasto.

Durante horas percorria as ruas da cidade à cata de reciclagens que a mãe vendia para conseguir pagar as contas do mês. Achava interessante o quanto as pessoas desperdiçavam em suas casas, em suas vidas. Jogavam tudo aquilo que não lhes era útil, ou parte de suas vidas que não queriam mais reviver, nem ver, nem sentir. Sua pouca idade, 11 anos, não era o suficiente para lhe limitar a curiosidade aguçada de que era vítima. Ela queria saber tudo o que acontecia no mundo, conhecer o pormenor de tudo, entender como cada coisa funcionava. Não se importava com o que lia, poderia ser até bula de remédio, uma revista velha, uma carta de um estranho... Simplesmente lia. Precisava ler cada vez mais, era uma fome interminável de conhecimento.

Prometera ao seu irmão de sete anos, o Juquinha, que, um dia, lhe traria um livro de histórias bonitas, todo colorido. Mas as pessoas pareciam não jogar livros infantis no lixo, ou talvez não os tivesse em casa. Por mais que andasse a cata de um, nunca o encontrava. Encontrava livros sem figuras, de gramática, de matemática... Alguns falavam sobre coisas que ela não entendia, mesmo assim os lia. Talvez, quando crescesse, os pudesse compreender. Algumas histórias adultas ela reinventava e contava ao seu irmão Juquinha que ria, admirava-se ou assustava-se. Ela adora ver suas reações a essa ou àquela estória.

Quis a sorte que numa bela manhã ela encontrasse um livro grande de capa dura, com desenhos. Um livro velho. Algumas palavras pareciam escritas erradas, concluiu, porém, que eram palavras muitas velhas, usadas, talvez, por sua avó Emília quando jovem. Voltou correndo para casa, o livro seguro numa mão, com a outra empurrava o carrinho com as outras reciclagens. Entrou no barraco correndo. Quase sem fôlego pôs-se ao pé da cama de Juquinha ainda adormecido.

- Juquinha, olha o que eu achei.

O menino abriu os olhos ainda sonolentos, deparou-se com o sorriso da irmã. Sorriu sem entender o que acontecia. Mas, tão logo, Ana Luíza, colocou o livro à sua frente ele abriu-se num sorriso largo. Ela encontrara o seu livro cheio de desenhos.

- Você achou um livro para mim?

Ela fez que sim com a cabeça, passou o livro às mãos do irmão. O pequeno folheou-o cuidadosamente de lá para cá e de cá para lá tentando entender o que dizia.

- Tata, como é o nome desse livro?
- Fábulas.
- Ele é tão bonito. Lê para mim.

Ana Luíza pôs-se a ler imediatamente diante dos olhos impressionados do irmão. Leu várias páginas, o menino nem piscava. Ela sabia como contar uma boa história, fazia os personagens falarem.

Durante aquela manhã ficaram sentados na cama, um ao lado do outro, viajando pelas histórias de Monteiro Lobato.

Perto do meio dia, sua mãe chegou. Ana Luíza correu mostrar-lhe o fruto do seu trabalho.

- Mãe. Mãe. Encontrei um livro para o Juquinha.

Sua mãe tinha o cenho franzido. Olhou-a com os olhos lampejando de raiva.

- É por causa dessa porcaria que o seu carrinho está vazio?

Ela entendeu o porquê do ódio no olhar da mãe, ela não perdoava chegar em casa com o carrinho vazio. Sentiu, no mesmo instante, uma bofetada em seu rosto. Sua mãe tomou-lhe o livro das mãos:

- Olha, aqui, vou lhe ensinar para que servi essa porcaria.

Cega de ódio, a mãe, começou a rasgar o livro em pedaços, amassando as folhas e jogando-as na cara da menina. Depois, tirou o chinelo do pé, deu tanto na menina a ponto de deixá-la prostrada no chão, implorando para que a mãe parasse.

- Agora, pega o carrinho e vai trabalhar. Se eu pegar você de novo com uma porcaria de um livro nas mãos dou-lhe uma surra que você jamais vai esquecer. Livro é para filhinho de doutor que pode estudar, você é pobre, se parar para ler, vai morrer de fome. A menina pegou o seu carrinho. Seu corpo doía. Enquanto andava pelas ruas da cidade sentia a dor da covardia da mãe, uma dor que ia além da surra, além do corpo. Sua mãe não rasgara um simples livro, rasgara sua alma.

Mesmo sentindo dor continuou a pegar latinhas, garrafas pets, papelão e livros que ocultava dos olhos da mãe. E os seus livros lhe deram arroz, feijão, um salário, uma casa e esperança.

2º LUGAR

EU SEI QUEM ESCREVEU...

Autora: Ivane Laurete Perotti

Sete Lagoas – MG

A folha amarrotada colava-se em mim pelo lado de dentro da camisa. Quanto mais perto melhor. Sentia cada verso entrar pele adentro até instalar-se em meu coração. Ainda ouvia a cadência da última voz que os lera duvidando de meu pedido:

“A estória é minha, mas o passarinho e o peixinho não são meus...”

Morar nas ruas daquela cidade que abraçava tantos mundos não apagava o desejo de estar em outro lugar. Queria entrar no espaço das palavras que guardava e me deixar levar pelo vento que as trouxera. A solidão das ruas não tem a bênção do silêncio, mas tem milagres que acontecem quando a gente fecha os olhos.

Fazia mais de um ano. A senhora parada em frente ao chafariz desligado não tinha uma moeda para me alcançar. Junto com o sorriso que me ofereceu, entregou-me a folha que carregava. Dobrada em dois, a folha de

caderno com linhas duplas continha letras coloridas. Devolvi. Não sabia ler. A escola era a ilusão de um lugar que não fora feito para mim. Um vento forte soprou a folha para longe dela e para mais perto de meus pés. Juntei contrafeito achando que poderia parecer um gesto furtivo, daqueles que às vezes a gente usava para malandrar algum trocado. Ao estender-lhe a folha de caderno em devolução os olhos de tornaram-se líquidos e demoraram-se dentro dos meus. Antes que minhas costas bloqueassem aquela visão, ouvi sua voz dizer a primeira linha:

“A estória é minha, mas o passarinho e o peixinho não são meus...”

O chafariz estava seco desde o último inverno. Os peixes vermelhos haviam morrido pelo excesso de lixo deixado na borda de pedra. Não era disso que ela falava. Ninguém que eu conhecesse na rua tinha peixe ou passarinho. Era nosso o que se via de longe, muito longe, quando o perto estava do outro lado do mundo que nos cercava.

Ela lia.

Aquela senhora lia para mim com tal encantamento e força que me paralisei estupefato. Nunca antes, nos dez anos de vida, pude sentir tamanha emoção.

“Até que é fácil possuí-los. Basta um aquário e uma gaiola...”

Abriu-se um oásis em meu peito. Uma onda de calor tomou conta de minhas pernas e braços e sentei ali mesmo. No chão, o melhor lugar do mundo naquele momento. As palavras chegavam envoltas em diversas cores e cheiros, tamanhos e formas. Eu não sabia ler. Eu sabia ouvir e ouvindo chorei. Chorei pelos peixinhos vermelhos e pelos pássaros da praça que via descerem em busca de migalhas. Chorei porque a voz daquela senhora vinha trazida pelo vento que me abraçava carregando lembranças de um menino que não era eu. Chorei em silêncio para não abafar a voz que lia:

“Mas não me importa tê-los na mão. Aprendo a me satisfazer pelos olhos, assim como os pássaros e peixes que não têm mãos”.

Poderia ser eu. As palavras tinham um pouco do que era meu, do que ninguém sabia que eu trancafiava no fundo da parte de trás de meus olhos sempre abertos.

Minhas mãos vazias encheram-se de alegria. Agigantaram-se tocando as nuvens, o sol, as estrelas, as camas com lençol limpo, as mesas postas, o colo de uma mãe com nome e endereço, o pão que saía da padaria marcando a hora do café da manhã.

Fazia mais de um ano que eu encontrara aquela senhora olhando para o chafariz vazio. Há mais de um ano eu carregava junto a mim o papel dobrado com as letras coloridas a lápis de cor. E entre todas as vozes que repetiam os versos, a dela era a que ficava ecoando dentro de mim como se percorresse meu sangue.

Memorizara todas as frases, todos os versos que embalaram o milagre junto ao chafariz. Ainda assim, era diferente quando alguém lia para mim. Era sempre novo e diferente.

Pelas ruas da cidade que me adotara como filho de ninguém, eu não mais pedia um trocado. Pedia uma leitura. E tal pedido causava tanta estranheza que muitos fugiam com a certeza de se tratar de mais uma estratégia de malandragem. Menino de rua em cidade grande vira malandro antes de crescer, se lhe derem tempo para isso. Eu queria tempo. Queria

tempo para aprender a ler. Queria tempo para descobrir quem escrevera aqueles versos.

“Lê para mim? “Era um pergunta simples, mas negava-se diante do quadro que eu fazia: magro, feio, exalando o abandono de meu corpo desengonçado. “Lê para mim?”, pediam meus olhos antes de minha boca abrir-se para soltar a súplica: “Lê para mim?”, “Lê para mim?”...”

Quando convenciam alguém, minhas mãos tocavam o céu. O mesmo céu e as mesmas palavras chegavam novas; molhavam com leite morno o forro de minha alma. Nem gaiola, nem passarinhos atrás das grades, nem aquário de vidro, nem peixinhos vermelhos no chafariz. Nada se manifestava mais forte e encantador do que o som das palavras lidas embalandome com as riquezas do mundo.

Milagres acontecem diante de olhos fechados e mãos vazias. “Quer ler comigo?”

Os meninos de rua que são filhos de ninguém devem ser amados pela natureza, pois às vezes ela vem até eles e abre sorrisos que engolem o tempo.

“Quer ler esses versos junto comigo? Eu sei quem os escreveu. Era um lindo menino e se chamava... Bartolomeu! Bartolomeu Campos Queiroz. Leia comigo!”